

Da filosofia à literatura, pela mão do neo-pragmatismo de Rorty

Marcos Vinícius Paim*

Richard Rorty produziu uma filosofia ampla, abrangente e intelectual; afirmamos isso pela forma com que este autor proporcionou ao pensamento filosófico contemporâneo uma capacidade de estabelecer dizeres e pensares que nos conduz a uma reflexão de temas, dos mais variados, correspondentes ao nosso presente social, político e cultural. A sua contribuição à filosofia também oferece, a partir daquela, tratar da questão que envolve a transição da filosofia à literatura. E é o que nos move abordar neste breve ensaio.

O pensamento de Rorty é marcado pela filosofia do pragmatismo. Tal filosofia angariou, desde os seus primeiros pensadores, como John Dewey e William James, uma considerável influência nos Estados Unidos, mas também foi objeto de muitos ataques por parte dos seus opositores, na Europa. Talvez porque certos mitos acabaram sendo criados, resultado de algumas equivocadas interpretações acerca do seu verdadeiro perfil como doutrina filosófica. Iniciemos, então, da seguinte questão: O que tem a nos oferecer a literatura quando nos propomos a pensar sobre temas que foram consistentemente construídos pelo pensamento filosófico? Ela seria capaz de nos oferecer um viés de interpretação para estes temas? Pensamos que no campo das atuais discussões filosóficas teríamos a capacidade de nos aproximar de uma resposta. E aqui tomaremos, para isso, se Richard Rorty, os textos: *Erros honestos* e *A filosofia como um gênero transitório*¹, além de *Contingência, Ironia e Solidariedade*.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea, da UFBA. E-mail: vinipaim@yahoo.com.br

A literatura é vista em geral como um produto estético, e sem dúvida não deixa de ser; um produto que proporciona uma sensação de prazer e determinadas emoções em um receptor (leitor). Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que o escritor, muito mais do que tentar dar uma característica estética ao seu trabalho, é responsável por transmitir por meio das suas narrativas algum tipo de instrução ou algumas ideias. O texto literário, diferente do texto científico, é capaz de usar as palavras com liberdade, e com isso torna-se um meio em que muito do homem pode ser dito. Existe nele uma força que escapa a certos tipos doutrinários (filosóficos e religiosos, por exemplo) de compreensão do mundo e das coisas. Uma narrativa romanesca, juntamente com outras formas de expressão de origem literária, como a poesia e as peças de teatro, já traz em si a capacidade de elucidação, de clarificação daquilo que é contingente do humano. Notadamente a literatura nos move a novos mundos, mas também, e principalmente, nos conduz a olharmos para nós mesmos e nos redescrevermos no campo político e social. Nos mostra a possibilidade de uma comunidade mais justa e mais livre, de algo que existe nas profundezas do nosso ser, e nessa medida nos dota de uma capacidade de autonomia privada e de autocriação. Mas, além de tudo, nos faz ver o quanto podemos vislumbrar por uma sociedade mais justa e menos cruel para os cidadãos. Segundo Rorty,

esse processo de passar a ver outros seres humanos como “um de nós”, e não como “eles”, é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de redescricao de quem somos nós mesmos. Essa não é uma tarefa para a teoria, mas pra gêneros como a etnografia, a reportagem jornalística, o livro de história em quadrinho, o documentário dramatizado e, em especial, o romance. A ficção de autores como Dickens,

1. Publicados como parte de uma seleção de trabalhos filosóficos, que complementam três volumes anteriores que o autor escreveu entre os anos de 1996 e 2006, e que se intitula *Filosofia como política cultural*.

Olive Schreiner ou Richard Wright fornece detalhes sobre tipos de sofrimento suportados por pessoas em quem, até então não prestávamos atenção. A ficção de autores como Choderlos de Laclos, Henry James ou Nabokov fornece detalhes sobre os tipos de crueldade de que nós mesmos somos capazes e, com isso, permite que nos redescrivamos. É por isso que o romance, o cinema, e o programa de televisão, de forma paulatina mas sistemática, vêm substituindo o sermão e o tratado como principais veículos de mudança e progresso morais. (RORTY, 2007, p. 20)

O neopragmatismo de Rorty possui como umas das suas principais características a relevância da moral para a literatura, vem a se tratar de um projeto que põe a política e sua ordem democrática analisada e interpretada fora dos ditames de verdades absolutas legadas pela tradição filosófica ocidental. Ele compreende que a literatura, mesmo pelo aspecto de suas particularidades, nos consegue mostrar muito mais acerca de nossas demandas éticas do que a filosofia em suas antigas e alicerçadas doutrinas.

Os últimos quinhentos anos de filosofia são postos sob a análise de Richard Rorty. Todo este período, segundo o autor, é marcado por um tipo de transformação no pensamento ocidental, que em muito se caracteriza pela transição da religião para a filosofia, e desta para a literatura. Houve um progresso e ascensão cultural literária. Desde a Renascença, com Cervantes e Shakespeare, a literatura se torna este estágio último de esperança de uma verdade redentora para os intelectuais ocidentais, após uma grande expectativa que antes havia sido depositada na religião e na filosofia. O pensamento ocidental, portanto, é tomado de novo fôlego. Capaz de nos oferecer uma maior transparência acerca do homem e da sua natureza, por meio dos escritos literários, já que muitas doutrinas filosóficas tradicionais não foram capazes de oferecer mesmo diante de muitas tentativas. A humanidade, portanto, estaria vivendo um grande e próspero acontecimento intelectual, resultante da pena de significativos expoentes da literatura ocidental.

A ideia que Rorty critica encontra-se estabelecida pela crença em uma verdade que nos impõe aquilo que a realidade “realmente” seria; o que é pretensão tradicional da filosofia. A religião, por sua vez, nos colocaria ao alcance de uma verdade pelo contato com uma entidade transcendente. Já a literatura nos fará atingir verdades mediadas pela aproximação com uma variedade de seres humanos, em que uma crença verdadeira sobre suas identidades e o mundo que os cerca não possui tanta importância. Neste sentido, o apogeu de uma cultura literária faz com que a filosofia e a religião sejam vistas como *gêneros literários*, caracterizando-se como objetos de consumo do intelectual literário. Este indivíduo, para Rorty, é um tipo que se propõe a ler todos os livros, como veremos melhor adiante, inclusive os de filosofia e de religião.

Com isto, para Rorty, a filosofia foi marcada por um progresso de transição e de amadurecimento cultural, porque serviu para fazer com que os homens pudessem ter aumentada a sua confiança nos seus próprios poderes intelectuais. Porém, ela deve ser colocada de lado pelo fato de que uma grande esperança por uma cultura liberal não advém da razão, mas da imaginação², aspecto eminente pelo qual a literatura é criada. Segundo Rorty, um efetivo abandono da filosofia teria se iniciado com Nietzsche, alcançando Heidegger e Derrida, e apresentado como uma vitória da poesia sobre o pensamento filosófico tradicional, pela ultrapassagem do representacionismo. Além destes autores elencados por Rorty, outros três: Dewey, James e Wittgenstein, seriam os grandes responsáveis por uma nova auto-imagem da humanidade, fazendo parte, para Rorty, de uma tendência filosófica denominada de anti-representacionismo. Uma filosofia cuja ideia de verdades absolutas e extensamente abstratas já não faz

2. A imaginação, para Rorty em “Pragmatismo e romantismo” (em *Filosofia como política cultural*) , deve ser entendida “não como uma faculdade que gera imagens mentais, mas como uma capacidade de mudar as práticas sociais propondo novas utilizações vantajosas de sinais e ruídos”. Eis, portanto, o papel que assumirá a literatura no pensamento deste autor: um papel político e cultural. Pois a imaginação é um dos aspectos relevantes da criação literária.

mais sentido para a humanidade. Todos os homens, não apenas os poetas, destinam-se a um ato criador para as suas vidas e a dos seus semelhantes; na criação literária criam condições para criarem-se a si e os outros. Assim, a filosofia encontrar-se-ia muito mais acentuada por uma virada literária do que por uma virada linguística.

Esta ideia rortyana concebe, portanto, o romance como um gênero literário de grande invenção, como o lugar das narrativas, personagens, lugares e situações. Ele, o romance, nas palavras de Rorty (analisando a concepção de Trilling em seu artigo *Erros honestos*),

era o exemplo paradigmático para a aplicação da inteligência aos assuntos humanos. Pois o romancista está para o teórico assim como o carpinteiro está para o geômetra. O romance, escreveu Trilling, é, “de todos os gêneros, o mais indiferente quanto à proporção formal e ao decoro, e o mais dedicado à substância, que ele presume que seja a própria realidade, é o gênero menos disposto a se declarar auto-suficiente e absoluto”. O geômetra, assim como o teórico das decisões racionais, espera alcançar proporção formal e decoro – assim como o filósofo moral kantiano espera atingir o que ele chama de “a única conclusão racional” sobre o que deve ser feito - uma conclusão apoiada por um raciocínio válido a partir de premissas maiores autoevidentes associadas a premissas menores que qualquer inquiridor empírico honesto poderia confirmar. Contudo, se abandonarmos tais esperanças, veremos a história que contamos a nós mesmos sobre quem somos e porque agimos como agimos – o romance de nossa vida – como uma entre muitas histórias que podem ser contadas. (RORTY, 2009, p. 112)

São as narrativas, e não as teorias, que possuem o mérito de se dirigir às pessoas e transformá-las.

A literatura, em Rorty, alcança o estatuto de uma força motriz, capaz de suficientemente criar uma realidade, em que acabamos nos vendo decifrados em nossas contingências como seres humanos, justamente pela capacidade inventiva e criadora do romancista e do poeta.

É ela que, segundo ele, agora assume aquele lugar das verdades absolutas propostas pela metafísica filosófica. E isso é resultado de uma transição histórica no cerne do pensamento ocidental europeu, em que, desde a época de Hegel, os intelectuais vêm perdendo fé na filosofia. Ou seja,

a transição de uma cultura filosófica para uma cultura literária começou logo após Kant, na época em que Hegel nos advertiu de que a filosofia pinta cinza sobre cinza apenas como uma forma de vida que já envelheceu. Essa observação ajudou a geração de Kierkegard e Marx a perceber que a filosofia nunca iria preencher o papel redentor que o próprio Hegel havia reivindicado para ela. As reivindicações supremamente ambiciosas de Hegel para a filosofia eram contraproduativas. Seu sistema mal havia sido publicado quando começou a ser lido como uma *reductio ad absurdum* de uma certa forma de vida intelectual. (RORTY, 2009, p. 159)

O desenvolvimento de uma cultura literária marca certo tipo de aperfeiçoamento pragmatista nas atitudes e relações humanas, sócio-cultural e politicamente. Estabelece-se, neste sentido, uma forma pela qual os indivíduos, uns em relação aos outros e a si mesmos, buscam, por intermédio da sua capacidade intelectual criadora, verem-se, e poderem ver, no meio da atividade social, possibilidades de existir desatreladas de verdades tão enraizadamente construídas pela filosofia ou pela ciência, por exemplo. Os homens contemporaneamente se veriam construindo verdades.

O que podemos hoje chamar de alta cultura foi criada pela transição da religião à filosofia, e desta à literatura. Sem dúvida, para Rorty, ainda existem hoje muitos intelectuais religiosos e também alguns filosóficos. Mas encontram-se em vias de desaparecimento, por conta da sua pouca contribuição à sociedade, na medida em que se atêm a analisá-la a partir de crenças já estabelecidas pela religiosidade e por doutrinas filosóficas. Contudo, quem hoje ainda necessite de uma “redenção” volta-se para o romance, peças e poemas. Empenha-se para encontrar, na literatura,

uma entre várias possíveis “salvações” para a sua existência. Não é recorrendo a uma crença inabalável em um Deus transcendente ou a algum mito, nem muito menos às verdades pertencentes a algum sistema filosófico. Portanto, que tipo de indivíduo seria este? Um tipo de pessoa a quem poderíamos nos referir como sendo um *intelectual literário*, que pensa que

a vida que não é vivida nas proximidades dos limites da imaginação não vale a pena ser vivida. O intelectual literário substitui a ideia socrática de autoexame e autoconhecimento pela ideia de alargamento do eu ao travar conhecimento com outras maneiras de ser humano. Ele acha que quanto mais livros nós lemos, mais maneiras de ser humano levamos em consideração, mais humanos nos tornamos – e quanto menos tentados por sonhos de uma fuga do tempo e do acaso, mais convencidos de não podermos contar com nada a não ser uns com os outros. A grande virtude da cultura literária é que ela diz aos jovens intelectuais que a única fonte de redenção é a imaginação humana, e que este fato deveria causar orgulho em vez de desespero. (RORTY, 2009, pp. 163-164)

Ao nos perguntarmos hoje, por exemplo, por que Shakespeare é tão atual, não teríamos receio em responder que é pelo fato de, em sua criação literária, ser nuclear uma grande preocupação com as questões humanas: o homem trai, sofre, morre de amor, luta pelo poder, engana, perde, ganha, deseja, enfim, desfaz-se em contingências que fazem parte do seu eu, de maneiras possíveis e desprogramadas. Vemos ali, em suas peças, por meio dos seus personagens imaginados, sejam eles trágicos ou cômicos, uma variedade de possibilidades do existir humano, que conduzem o leitor a se ver em uma realidade vinda de uma narrativa literária.

Se lemos romances, textos teatrais, ou se lemos os poetas, e muito e sempre, somos capazes de oferecer uma contribuição significativa a nós e aos nossos semelhantes em sociedade, de forma política e culturalmente relevante. Não estamos sós e de outros necessitamos para nos inventar e

criar. E a literatura, na concepção rortyana, foi o que alcançou este lugar onde a imaginação alça vôos quase que inalcançáveis e, nos traz de novo à nossa realidade, possivelmente não sendo a mesma, mas reinventada.

Richard Rorty nos conduz, com brilhantismo, a repensar o que a religião e a filosofia foram capazes de oferecer à humanidade ocidental, mas também o que elas mesmas possibilitaram para delas nos distanciarmos. Temos a existência humana, com o que lhe pertence, vista nas páginas de um gênero literário é resultado salutar de uma *poiésis*, bom fruto de um neopragmatismo que consegue nos mostrar de que maneira nos vemos e a nossos semelhantes.

Referências bibliográficas

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RORTY, Richard. Erros Honestos. In: *Filosofia como política cultural*. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RORTY, Richard. A filosofia como gênero literário. In: *Filosofia como política cultural*. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.